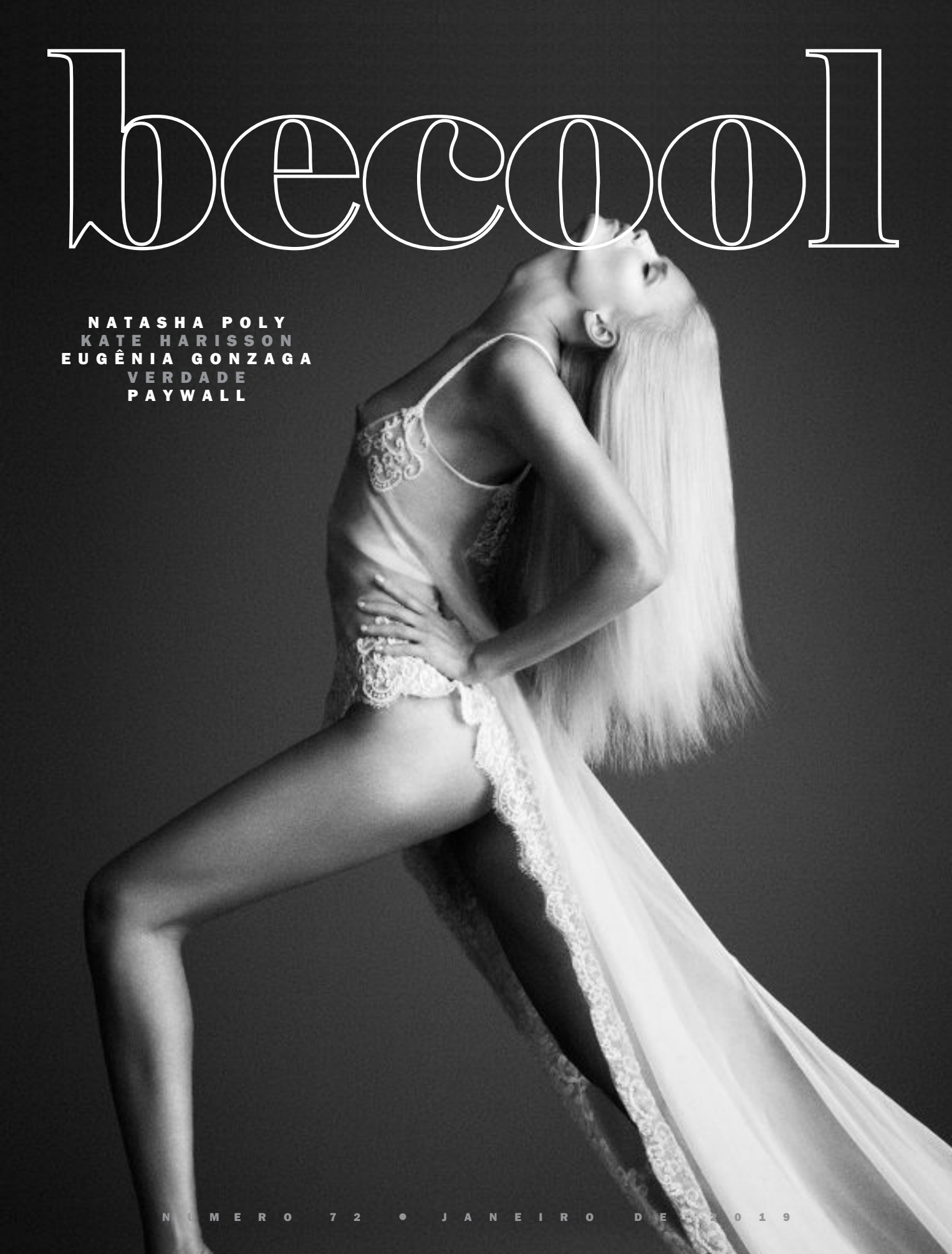
becool



NATASHA POLY
KATE HARISSON
EUGÊNIA GONZAGA
VERDADE
PAYWALL

NUMERO 72 • JANEIRO DE 2019

RevistaBecool

@becoolmagazine

becool

NÚMERO 72 • JANEIRO DE 2019

4 **CARTA AOS LEITORES**
TWITFEED
5 **MISCELÂNEA**
O MÊS EM PÍLULAS
8 **ENTREVISTA**
EUGÊNIA GONZAGA
12 **MANUAL**
ESTILO E COMPORTAMENTO
18 **CAPA**
NATASHA POLY
30 **ACONTECE**
NADA ALÉM DA VERDADE
34 **ARTIGO**
O SUCESSO E UM INCÔMODO
38 **CAPA**
KATE HARISSON
44 **ESQUENTA**
SEXO, RELACIONAMENTO E ATITUDE
48 **FAZ SENTIDO?**
DAY AFTER
49 **CRÔNICA**
O TUCANO
50 **CHARGE**
HUMOR

Hoje nós temos um presidente que se sente muito à vontade em não falar a verdade. Temos uma esquerda dividida entre sectarismo, rancor e fantasias revolucionárias. E temos uma direita temerosa de defender a democracia e se ver confundida com esquerda. "Petismo" virou pecado tanto quanto racismo – ou até mais, dependendo do interlocutor. O debate político foi enterrado, enquanto o governo protege corruptos e põe os imbecis na linha de frente.

Serão longos quatro anos. Talvez oito. Uns dizem que haverá pelo menos 30... Resistir vai implicar resolver as rusgas das eleições – e até de antes. Brigas entre petistas e tucanos (os mais progressistas), petistas e ciristas, ciristas e psolistas, psolistas e todo mundo precisam dar lugar à formação de uma frente ampla de resistência e defesa da democracia e dos direitos humanos. Mas não vai acontecer, como prova a polêmica da Venezuela.

Enquanto isso, as instituições seguem não funcionando e aumenta a nossa dependência do quarto poder, aquela instituição cuja credibilidade cai, cujas bases econômicas estão em ruínas e cujo futuro sob o governo Bolsonaro parece terrível.

E ela parece perdida em ter que fazer oposição a um governo de direita. Lógico que muita gente vai lembrar que o moralismo contra a corrupção foi bandeira dela, mas era uma bandeira dos mais conservadores naquele momento, uma bandeira que, como se sabe, o PT empunhou alegremente nos anos FHC. O fato é que é muito mais cômodo se opor e cobrar um governo de centro-esquerda de quem o mercado financeiro desconfia. Mais difícil é se opor e cobrar um governo de direita hidrófobo que conta com o apoio incondicional das elites mais estúpidas e predatórias do país.

Mas dá pra fazer! Longe de mim querer ensinar a imprensa a fazer seu trabalho, mas se ela estiver a precisar de dicas, eu tenho algumas:

- Não se deixar pautar o tempo todo pelo governo;
- Publicar a notícia da mudança impopular já se preparando para o desmentido;
- Ir atrás de histórias sobre os temas importantes onde o governo vai produzir medidas estúpidas (a imprensa não gostou da demarcação de terras passar para o Ministério da Agricultura, mas não tem ninguém indo atrás de histórias de povos indígenas em busca de seus direitos);
- Quando o presidente twitar, foca naquilo que é importante e ignora as tentativas de transformar o debate político no Superpop.

Espero que sirva de ajuda, porque neste momento, a imprensa é a última instituição funcionando. E se ela deixar de funcionar, o risco deste país virar as Filipinas deixa de ser só risco.

***

As duas capas existem porque não deu pra decidir qual das duas modelos era mais importante, motivo pelo qual recusei a deixar apenas uma levar o destaque. Não interessa qual das duas você vai escolher, o conteúdo é o mesmo.

Você retweetou

Leandro Beguoci @leandrobeguoci · 11 h

Não existe o verbo "torcer" aplicado a governo. Torcer a favor, torcer contra, isso não faz o menor sentido. Você apoia o que concorda, critica o que discorda. Se você concorda com boa parte das políticas, defenda seus pontos. Se discorda, critique. Política adulta é assim.

23 1,1 mil 2,8 mil

Você retweetou

Tiago Maranhão @TMaranhao · 9 de jan

o liberal de 2019 quer regular onde as empresas podem investir. quer regular sobre o que as escolas podem ensinar. regular o que os livros abordam. regular sobre o que cada um opina no twitter. só falta agora redefinir liberalismo nos dicionários.

120 836 3,6 mil

Você retweetou

@naosalvo · 9 de jan

Começou a temporada "Eu sou mais inteligente que o Brasil pq eu não assisto BBB", vamos acompanhar os filho de Einsten ganhando like

80 1,3 mil 5,6 mil

Você retweetou

Fernando @cesarotti · 8 de jan

É muito fácil ser de direita no Brasil. Pode falar as maiores atrocidades com o golpe do "não me curvo ao politicamente correto". Já a esquerda abre uma nova edição da Internacional pra discutir se pode piada de corno e de tamanho de pinto.

4 33 62

Você retweetou

|menina não pode| @meninanaopode · 5 de jan

Não pq o poliamor e bibibi bobobQUENHÉ ESSA SERIGAITA

1

Você retweetou

Chatinha de esquerda @malupr · 5 de jan

Trocar as cadeiras vermelhas por azuis. "Menino veste azul e menina veste rosa". Ninguém quer o gabinete número 24 no congresso. Bolsonaro bloqueou o Haddad no tuiter.
A quinta série assumiu o país.

9 935 2,3 mil

Você retweetou

Nina Lemos @ninalemos · 4 de jan

colegas jornalistas, pelo amor dos deuses, lembrem que a gente liga pra família ou pro hospital pra confirmar notícia de morte. que vergonha!!!!!!

1 3 43

Você retweetou

Dudu @Dudu · 3 de jan

Nem rosa
Nem azul
Apenas
Agnaldo Timóteo

1 14 29

Você retweetou

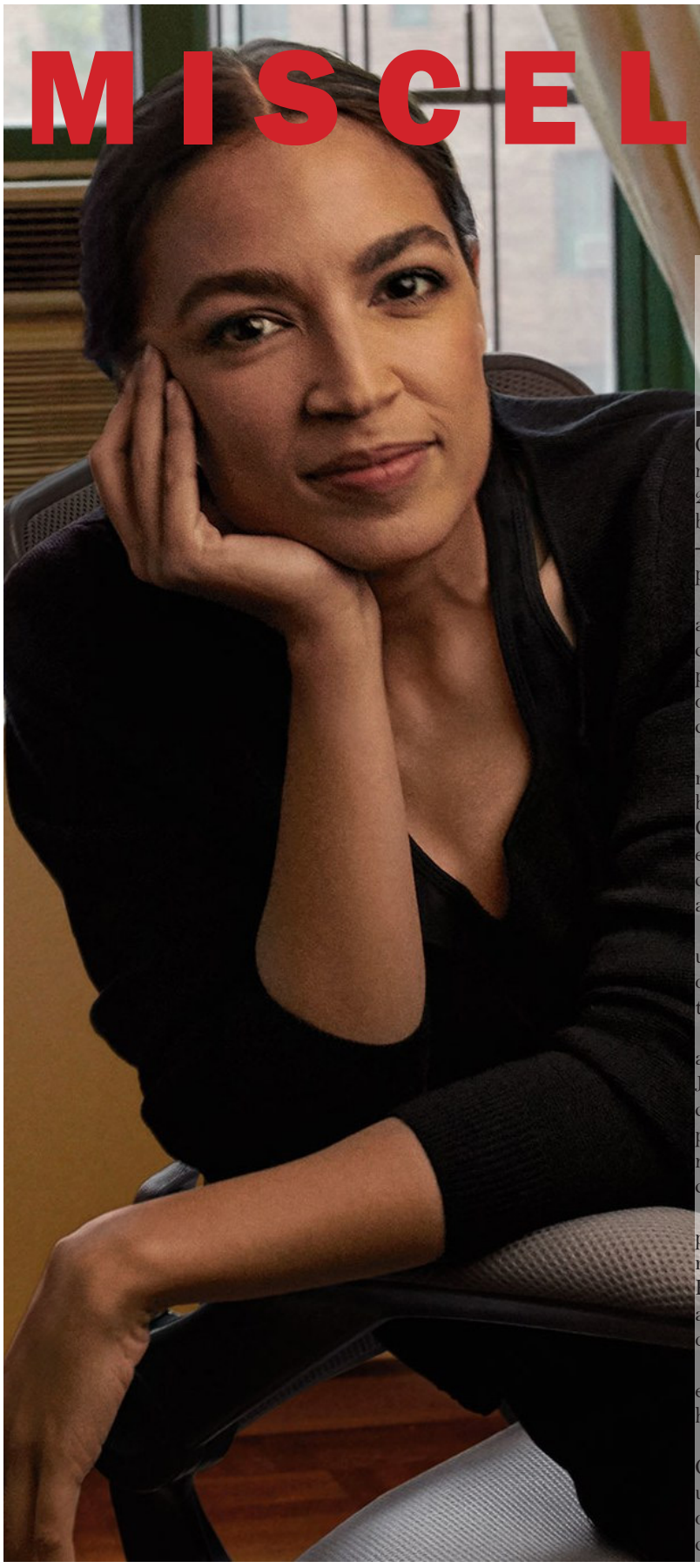
cidadão médio @manotelli · 3 de jan

Agora que o presidente declarou o fim do politicamente correto, quero ver aqueles comediantes que reclamavam da censura da esquerda fazendo piada suja com o presidente, com os filhos do presidente, com a esposa do presidente.

Tu não era galo? Mostra aí teu humor afiado, vai.

9 304 1,5 mil

MISCELÂNEA



MULHERES QUE AMAMOS

ALEXANDRIA OCASIO-CORTEZ

Filha de mãe porto-riquenha e pai nova-iorquino, Ocasio-Cortez já havia trabalhado como voluntária na campanha presidencial de Barack Obama, em 2008. No ano seguinte, ainda caloura do curso de bioquímica - o qual abandonou depois de um semestre -, trabalhou no gabinete do então senador democrata por Massachusetts Ted Kennedy (1932-2009).

Em 2016, a então ativista se engajou de vez na atividade política quando ajudou a organizar a campanha do democrata socialista Bernie Sanders para as primárias do partido Democrata, durante quais ele disputou com Hillary Clinton a vaga para concorrer à presidência.

Seguindo o exemplo da campanha de poucos recursos, baseada em diálogo e movimentação de base, apoiadores de Sanders criaram o Brand New Congress, algo como "Congresso Novo em Folha" em inglês, um movimento que adotou esses princípios como estratégia fundamental para lançar candidatos ao Congresso nas eleições de 2018.

Ocasio-Cortez surgiu dentro do movimento como um dos nomes para disputar um assento na Câmara dos Representantes. Ela começou a receber apoio técnico para iniciar sua campanha nas primárias.

Na disputa pela vaga dentro do partido Democrata, a jovem ativista enfrentou o experiente deputado Joseph Crowley, que vinha de reeleições sucessivas. A campanha modesta de Ocasio-Cortez, sustentada por pequenas doações e forte atividade de base, parecia não representar uma ameaça para o tradicional candidato.

O sucesso de Cortez nas primárias confirmou o potencial da candidata democrata perante o rival republicano que enfrentou nas midterms. Anthony Pappas, um professor de economia de 72 anos, filiado ao partido Republicano, baseou sua campanha em um discurso conservador sobre “imunidade judicial”.

Com 78% dos votos, Cortez saiu vitoriosa das eleições de meio de mandato e deu continuidade à hegemonia democrata no 14º distrito de Nova York.

Após eleita, em entrevista ao New York Times, Ocasio-Cortez disse que teme não conseguir bancar um apartamento em Washington e que talvez terá que esperar pelo primeiro salário para se mudar para capital.

A ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves, se envolveu em mais uma polêmica. Depois de dizer que os atuais moldes do Enem podem atrapalhar as famílias e de designar cores para meninos e meninas, agora Damares Alves apareceu em um vídeo em que fala sobre ciência, igreja e educação.

Nas imagens, de 2013, Damares Alves diz que a igreja evangélica perdeu espaço nas escolas para a ciência.

"A igreja evangélica perdeu espaço na história. Nós perdemos o espaço na ciência quando nós deixamos a teoria da evolução entrar nas escolas, quando nós não questionamos. Quando nós não fomos ocupar a ciência. A igreja evangélica deixou a ciência para lá e 'vamos deixar a ciência sozinha, caminhando sozinha'. E aí cientistas tomaram conta dessa área", diz a ministra no vídeo.

A teoria da evolução, citada pela ministra, é reconhecida mundialmente e trata do desenvolvimento da vida na Terra. Pela teoria, a partir de ancestrais comuns, os seres humanos e outros tipos de vida sofrem mudanças evolutivas de uma geração para outra.

A declaração da ministra Damares Alves ganhou destaque nas redes sociais e chamou a atenção de cientistas e educadores.

Lucile Floeter Wonder, diretora da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e professora de Biociências da Universidade de São Paulo (USP), alertou para o risco de se misturar ciência com religião.

"A ciência tem um método e ela utiliza esse método, chamado método científico, para mostrar, para validar essas teorias ou não. E existem muitas evidências a favor da teoria da evolução. E eu acho que a gente não pode misturar as coisas. A gente não pode misturar a fé com ciência", afirmou.

Professor de educação da UnB, Luiz Araújo também criticou a declaração da ministra.

"Ninguém deixou de ser cristão porque as escolas ensinam ciência. É nosso dever na educação transmitir os conhecimentos que são gerados pela humanidade, que vão evoluindo", afirmou. "É assim que a humanidade evolui. Se o Brasil quer dar um salto para o futuro, ele não pode voltar para a Idade Média", declarou.

A ministra não quis gravar entrevista. Em nota, o ministério informou que "a declaração ocorreu no contexto de uma exposição teológica que não tem qualquer relação com as políticas públicas que serão fomentadas" pela pasta.

Acrescentou ainda que não há relação entre a atuação da titular desta pasta como líder religiosa e suas funções como gestora pública.

O participante do 'BBB 19', da Globo, Vanderson, do Acre, teve seu passado vasculhado e um caso de agressão contra a mulher veio à tona na última quarta-feira, 9, depois que seu nome foi anunciado para entrar no reality show.

Assim que soube que biólogo e coordenador educacional indígena fará parte do programa que estreia no próximo dia 15, Maíra Menezes, ex-namorada do brother, usou as redes sociais para afirmar que foi agredida por ele no passado.

"Agressor de mulheres no BBB. Imagina você abrir seu celular cheio de mensagens de amigas perguntando como eu estava. O rosto do meu agressor estava por toda parte, por toda a internet. Meu Deus, só eu sei o que eu vivi. Típico relacionamento abusivo que terminou com uma agressão. Eu terminei ainda amando, mas sabia que ele ia me bater de novo. Na época, com 18/19 anos, não tive coragem de fazer a denúncia. Anos depois, todo esse sofrimento me fez amadurecer e me fez feminista. Eu não sou a única. Sofri muito na época porque ninguém acreditou em mim, mas a verdade aparece e esse ano é ano de OGUM!", afirmou ela.

Gleici Damasceno, vencedora do 'BBB 18' e conterrânea de Vanderson, incluiu o concorrente em sua lista de possíveis favoritos, porém, após receber informações sobre o episódio negativo da vida do rapaz, fez um post enigmático, sem citar o nome dele, mas que acabou sento atribuído a Vanderson.

"Agressor de mulher não vai ter vez comigo. Selecionei algumas pessoas que simpatizei de início, mas é óbvio que ainda não estou torcendo por ninguém. É isso! Mas até já retirei uma pessoa dessa minha seleção", declarou.

O departamento de futebol feminino do Corinthians anunciou, nesta quarta, a ex-jogadora Daniela Alves como comandante da equipe sub-17. A categoria foi recém-criada no clube, mas já terá uma comandante com muita experiência.

Daniela Alves é uma das mais importantes jogadoras da história da Seleção Brasileira, quando foi profissional até 2009. Disputou três olimpíadas e dois mundiais pela Seleção. Ela conquistou uma medalha de prata e um vice-campeonato nas duas competições.

Após se aposentar, Daniela fez parte da comissão técnica da equipe sub-20 do Brasil, na função de auxiliar do então treinador Doriva Bueno.

A chilena Macarena Celedon estará função de auxiliar de Daniela, juntamente coma preparadora física Luana Miessa e o preparador de goleiras Ricardo Navarro. Todos os novos membros já trabalham no planejamento da equipe.

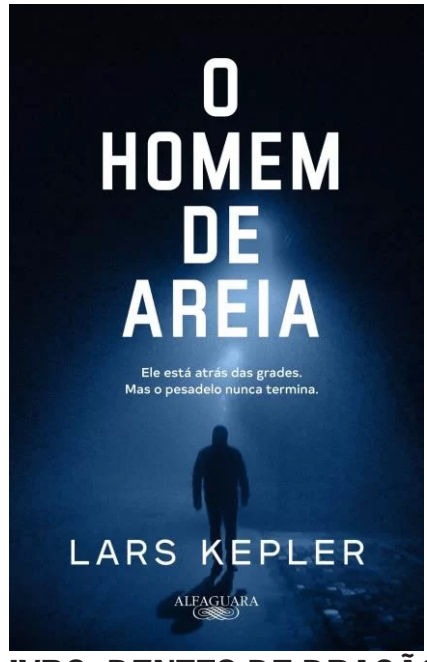
Para mais informações, curta nas redes sociais

FILME: HOMEM-ARANHA NO ARANHAVERSO

Miles Morales é um jovem negro do Brooklyn que se tornou o Homem-Aranha inspirado no legado de Peter Parker, já falecido. Entretanto, ao visitar o túmulo de seu ídolo em uma noite chuvosa, ele é surpreendido com a presença do próprio Peter, vestindo o traje do herói aracnídeo sob um sobretudo. A surpresa fica ainda maior quando Miles descobre que ele veio de uma dimensão paralela, assim como outras versões do Homem-Aranha.

CD: UNCOVERED

Robin Schulz (nascido em 28 de abril de 1987) é um DJ e produtor alemão de música eletrônica, com muitas produções em estilo Tropical House. No dia 4 de Fevereiro, ele lançou seu primeiro single, um remix de "Waves", do artista neerlandês de hip hop Mr. Probz. Seu segundo single, lançado dia 6 de junho de 2014, foi um remix de Lilly Wood and the Prick intitulado "Prayer in C", originalmente do álbum Invincible Friends, de 2010. Ambos os remixes tocaram em muitos países europeus e nos Estados Unidos. (Sony, R$ 40)



LIVRO: DENTES DE DRAGÃO

Em uma noite extremamente fria em Estocolmo, um homem aparece sozinho e desnorteado em uma ponte. Quando ele é encontrado, a hipotermia já toma conta de seu corpo. Ao ser levado para um hospital, descobrese que há sete anos ele foi declarado morto. Seu assassinato foi creditado ao serial killer Jurek Walter, que foi preso há alguns anos pelo detetive Joona Linna e sentenciado a prisão perpétua em uma ala psiquiátrica. Enquanto investiga o aparecimento desse homem e tenta entender onde ele esteve durante os últimos sete anos, evidências desconhecidas começam a aparecer e influenciar o caso que já estava arquivado. (Alfaguara, 462 páginas, R$ 55)

SHOW: PAULINHO DA VIOLA

Paulinho prepara, ainda, uma homenagem ao seu pai, o músico Cesar Faria, do grupo “Epóca de Ouro”, antecipando as comemorações do seu centenário, que será comemorado em 2019. Inspirado na influência de seu pai, do violão, do Choro e das conversas sobre música, Paulinho prepara um bloco instrumental, reverenciando a sua origem e as suas influências. Dia 18 às 22h no Tom Brasil: Rua Bragança Paulista, 1281, Sul 04727-000. Telefone: (11) 4003-1212. Ingressos: R$ 60 a R$ 250.

Eugênia Gonzaga

“O Brasil não pôs a ditadura em pauta”

A INEGRANTE DA COMISSÃO ESPECIAL SOBRE MORTOS E DESAPARECIDOS POLÍTICOS DIZ QUE HIERARQUIA DO PRESIDENTE EM RELAÇÃO ÀS FORÇAS ARMADAS PODERIA FACILITAR A DEMANDA DAS FAMÍLIAS DOS DESAPARECIDOS

POR MARINA ROSSI

No aniversário de 50 anos do Ato Institucional número 5 (AI-5, de 13 de dezembro de 1968), considerado o ato mais duro dos 17 instituídos durante a ditadura militar brasileira, a procuradora Eugênia Gonzaga, presidente da Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos, faz questão de pontuar os poucos mas importantes - avanços na pauta dos desaparecidos políticos. Dentre elas, a identificação das ossadas de dois militantes dados como desaparecidos, que ela considera "a melhor notícia do ano".

Apesar disso, muito trabalho ainda está por ser feito. Há quatro anos, a Comissão Nacional da Verdade lançou uma carta com 29 recomendações, como o reconhecimento, pelas Forças Armadas, de sua responsabilidade institucional pela ocorrência de graves violações de direitos humanos durante a ditadura militar. Das medidas propostas, pouca coisa foi cumprida e o documento é contestado abertamente por militares da reserva, entre eles Jair Bolsonaro, e até da ativa, algo que não acontece sem reação ou punição nos países vizinhos. "O tema da responsabilização dos agentes da ditadura está no Supremo parado desde 2011 e não se tem previsão de entrar na pauta", diz a procuradora. De acordo com ela, muita coisa está parada na Justiça em virtude do entendimento do Supremo Tribunal Federal, que é a favor da Lei da Anistia e ignora duas decisões da Corte Interamericana de Direitos Humanos a respeito.

Apesar da demora, os familiares dos desaparecidos não desistirão de encontrar seus parentes, independentemente de quem está na Presidência da República, diz a procuradora. "E nós continuaremos aqui com a nossa bandeira: ‘onde estão os desaparecidos?”, afirma. Ela considera que o presidente eleito, por ser militar, é, inclusive, o que"mais tem condições" de fazer avançar essa pauta. "Este novo Governo, se quiser e se tiver algum tipo de interesse em fazer alguma diferença nessa pauta, é o que mais tem condições em termos de hierarquia em relação às Forças Armadas".

A procuradora é uma das que assina um manifesto que intelectuais, lideranças de movimentos sociais e profissionais de diversas áreas lançam para marcar os 50 anos do AI-5 nesta quinta, em São Paulo. "A garantia das liberdades, dos direitos humanos individuais e sociais, do livre exercício da cidadania nos une, para além de eventuais diferenças e nuances ideológicas ou político-partidárias. Enfatizamos nosso compromisso com a pluralidade e a diversidade cultural, de crenças e de comportamento da sociedade brasileira. Conclamamos os democratas a se unirem para manter as liberdades duramente conquistadas ao longo das últimas três décadas", diz o texto.

Marina Rossi: Nesta semana, completam-se quatro anos que a Comissão Nacional da Verdade entregou as 29 recomendações para prevenir as violações dos direitos humanos no Brasil. Em que situação estão essas recomendações?

Eugênia Gonzaga: Uma das recomendações foi a responsabilização dos agentes da ditadura. Isso recai sobre o Ministério Público Federal que montou grupos de trabalho e instaurou inquéritos. Os resultados foram pequenos, primeiro porque os réus e testemunhas em sua maioria estão mortos e, em segundo lugar, porque o Judiciário não está cumprindo essa recomendação. O Judiciário ainda é a favor de que a Lei da Anistia [promulgada pelo presidente João Batista Figueiredo, em 197, que concede anistia a todos os que cometeram crimes políticos entre 1961 e 1979] seja aplicada em qualquer caso. Também por isso, o tema da responsabilização dos agentes da ditadura está no Supremo, parado, desde 2011 e não se tem previsão de entrar na pauta.

MR: O Judiciário entende que muitos dos crimes ocorridos na ditadura já prescreveram. Como reverter isso?

EG: São duas coisas diferentes. No caso dos desaparecimentos forçados, é considerado um crime que não se esgota enquanto os corpos não forem encontrados, então não há prescrição. Mas no caso da responsabilização dos agentes da ditadura, o principal motivo de estar segurando [esse julgamento] é essa interpretação da Lei da Anistia. Na verdade, existe um pacto para não se constranger os

"O LANÇAMENTO DA CANDIDATURA LULA FOI UM ERRO".

militares.

MR: E quais são as chances do Governo Bolsonaro, cuja cúpula é toda formada por militares, avançar nessas recomendações?

EG: O Brasil demonstra que não cumpriu seus deveres. Deveria ter feito muito mais espaços de memória, colocado esse tema em pauta sempre. A questão das buscas dos corpos foram incipientes, sempre foram esforços individuais, dos próprios familiares. O Brasil nunca tomou nenhuma atitude que colocasse em xeque as Forças Armadas. Um dos argumentos [para a morosidade nos processos] é que os documentos foram destruídos, mas a resposta para isso é que é possível fazer a reconstituição dos documentos, e, na realidade, nunca houve uma ordem para tal.

MR: Mas então quais são as chances de que agora esse tema avance?

EG: Pela Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos, que existe desde 1995, fizemos recentemente em Brasília um encontro de familiares para analisar esse aspecto [do encontro saiu da Carta de Brasília, que reitera, dentre outras coisas, a necessidade de implementação das recomendações da Comissão Nacional da Verdade]. A nossa reivindicação prossegue e é pela localização dos corpos. E esse novo Governo, se quiser e se tiver algum tipo de interesse em fazer alguma diferença nessa pauta, é o que mais tem condições em termos de hierarquia em relação às Forças Armadas. A questão da entrega dos corpos [dos desaparecidos às famílias], além de se dar um encerramento digno, ainda que simbólico, é um tema defendido em qualquer religião. Vamos levar essa pauta à ministra indicada [dos Direitos Humanos, Damares Alves], ao ministro da Justiça [Sergio Moro] e ao presidente da República. Essa pauta sempre teve muito pouco apoio dos diversos governos. Fernando Henrique Cardoso fez a lei que criou a Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos, em 1995, mas desde então, o orçamento é praticamente inexistente para essa comissão. Na era dos governos de esquerda [Lula e Dilma], por uma questão de estratégia, preferiram tocar outras pautas e deixar essa mais de lado. Houve algumas iniciativas, alguns avanços, mas a revelação [de identidades das vítimas] e o encontro de corpos foi incipiente. Tivemos duas identificações neste ano das ossadas de Perus e uma delas foi emblemática porque era um militante do Rio que veio parar na vala de Perus, o que mostra a integração dos esforços entre os Estados. [A comissão anunciou no último dia 3 a identificação do corpo do bancário e sindicalista Aluísio Palhano Pedreira Ferreira. Ele fora incluído em 2014 na lista de mais de 400 desaparecidos políticos elaborada pela Comissão Nacional da Verdade].

MR: Quais outras ações estão avançando?

EG: Entregamos 11 atestados para retificação das causas da morte e estamos encaminhando mais 20 pedidos. Essas pessoas não tinham sequer atestado de morte, então começamos pedindo pelos atestados. Tivemos na primeira certidão completamente retificada, que é do diplomata José Jobim [a causa da morte foi retificada em setembro deste ano, passando a constar em seu atestado de óbito como resultante da perseguição política durante a ditadura militar].

MR: Apesar desses avanços, muitas das recomendações feitas pela Comissão da Verdade não só foram esquecidas, como algumas legislações que tem ecos considerados ligados à ditadura surgiram nesse meio tempo, como a criação da Garantia da Lei e da Ordem (GLO), a volta da Justiça Militar como foro para julgar soldados que cometam homicídios e os casos de arbitrariedade da Polícia Militar….

EG: Sim, houve um retrocesso. Um deles é em relação à recomendação da desmilitarização das polícias. Não significa que não é para existir Polícia Militar, mas que não existam essas práticas militares. E o que vemos é um caminho contrário. Por exemplo, chamar uma investigação de uma operação, que é uma prática militarizada, representa condenação por antecipação. E passou a ser usada em grande escala, de forma até banal. Outra coisa é que, de acordo com a Constituição, os municípios podem ter suas guardas civis, que não precisam necessariamente ser armadas, seguir práticas de hierarquia como ocorre nas Forças Armadas. E o que vemos é o contrário. Temos centenas de polícias e todas são

militarizadas. Na verdade, o caminho deveria ser o contrário. A própria intervenção federal [no Rio de Janeiro e agora em Roraima] e a GLO, são tipos de enfrentamentos com as Forças Armadas que lembram os períodos de guerra e são absolutamente contrários às práticas humanitárias.

MR: Como criar mecanismos que de fato possam ser seguidos e respeitados?

EG: A identificação das ossadas de Aluísio Palhano e de Casemiro [Dimas Antônio Casemiro teve suas ossadas identificadas em fevereiro. Elas também estavam na vala de Perus] foram as melhores notícias do ano. As retificações de atestados que estão em curso e a Carta de Brasília que os familiares reiteraram, mesmo no atual cenário, levanta a bandeira pela igualdade e democracia. Acho que foi um ato corajoso de ir até Brasília, muitas das pessoas já são idosas, e foram até lá para dizer: continuaremos aqui com a nossa bandeira "onde estão os desaparecidos?". Independentemente da ideologia, não há justificativa alguma para o governo desaparecer com corpos. O país não vai demorar tanto para se dar conta que esses tipos de práticas não são em benefício de ninguém. No passado, as pessoas não tinham informações, não sabiam exatamente o que estava acontecendo. Hoje, com as redes sociais, espero que as pessoas tenham mais discernimento em relação aos perigos e que as próximas eleições não tendem a repetir esse resultado truculento que vimos agora. ●

NÃO GOSTA DO SEU TRABALHO?

POR PEDRO NOGUEIRA

Você gosta do seu trabalho? A chance é alta da resposta ser "não". Uma pesquisa revelou que 72% das pessoas no mundo vivem insatisfeitas com a sua ocupação atual. Surpreendente, não? Isso não significa, porém, que você deve se conformar com a situação. Reunimos algumas dicas para ajudá-lo a planejar seus próximos passos e, assim, encontrar algum trabalho que o faça mais feliz.

1# IDENTIFIQUE O PROBLEMA

Antes de mais nada, reflita sobre a raiz do problema. É sua área de atuação? A indústria como um todo? Seu chefe? A cultura da empresa? Algum colega? Um projeto complicado? Se for um fator passageiro, é possível que as coisas melhorem no futuro, aí às vezes vale a pena esperar um pouco. Se for uma questão mais séria, ao procurar seu próximo emprego, você já vai saber o que evitar.

2# NÃO SUPERESTIME A SITUAÇÃO

Quando estamos numa situação ruim, é comum achar que o mundo vai acabar. Calma. Respira. Não superestime o problema. Como já vimos anteriormente, 3 em cada 4 pessoas não gostam dos seus trabalhos atuais. Lembre-se disso: você não está sozinho no barco. É algo que todo mundo já passou ou vai passar. Devemos ter isso sempre em mente, para colocar a questão numa perspectiva real, sem sofrer em excesso.

3# SEJA DISCRETO

Nada de espalhar para todo mundo que você está insatisfeito com seu trabalho. Isso pode pegar mal para a sua imagem, então seja discreto. Desabafe com familiares e amigos próximos, porque é bom ouvir a opinião dos outros. Mas ter profissionalismo nessas horas é importante. Reclamar com todo mundo e falar mal da empresa não vai ajudar em nada.

4# COMECE A PROCURAR OUTRO TRABALHO

A não ser que a situação esteja insustentável no trabalho — ou seja, com você prestes a ter uma colapso mental — não vale a pena ser precipitado. Afinal, você precisa de dinheiro para se sustentar, correto? Então comece a procurar outro trabalho antes de pedir demissão.

5# SAIA COM PROFISSIONALISMO

Beleza, agora que você encontrou outra oportunidade profissional, já pode pedir as contas. Mas lembre-se de fazer isso com profissionalismo. Para que queimar seu filme? Ninguém sabe o que pode acontecer nos próximos 5 ou 10 anos. Ao manter uma relação cordial com seu ex-chefe e com a empresa, as portas estarão abertas para o futuro.

PRA EMAGRECER 1KG

POR PEDRO NOGUEIRA

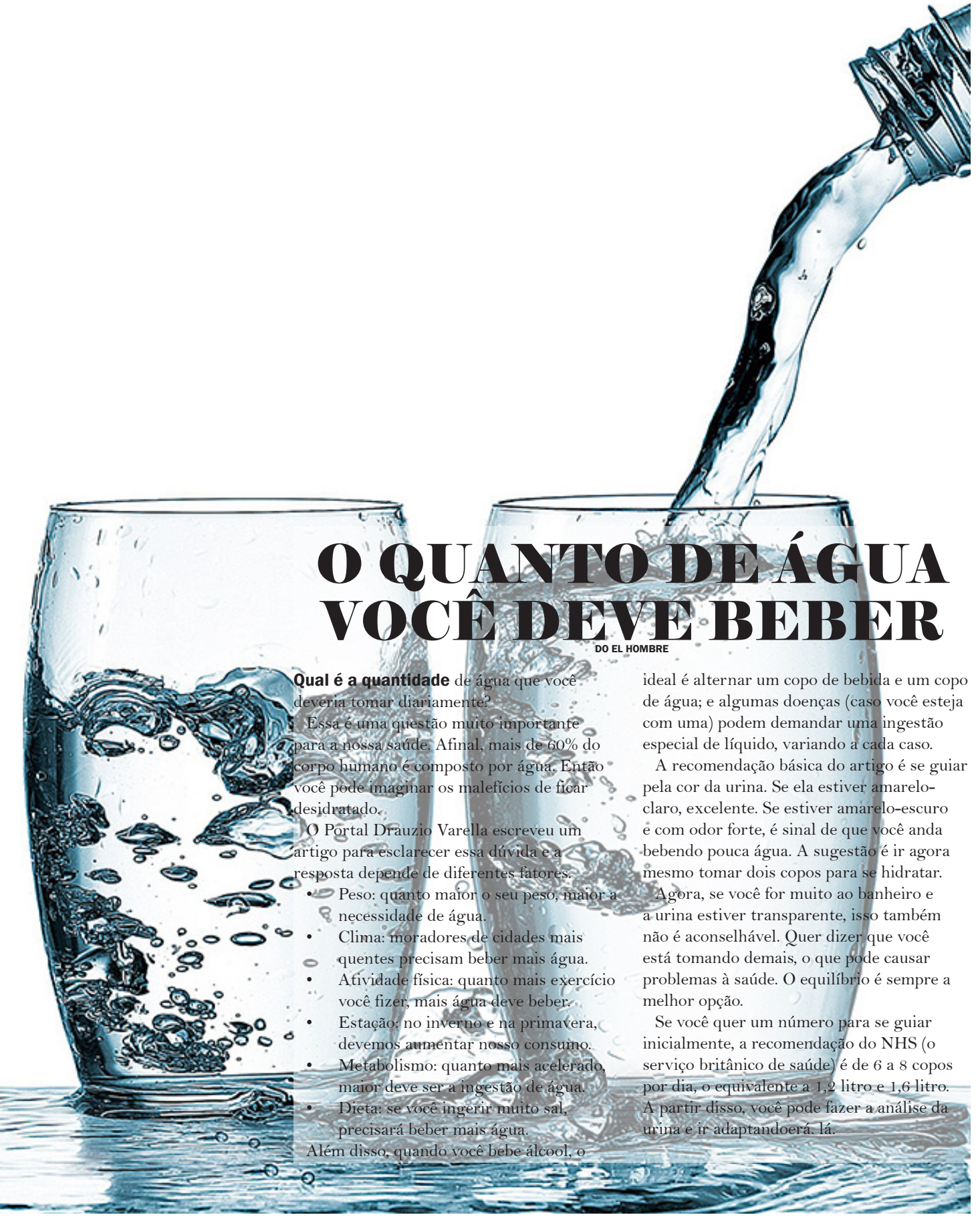
Se você está querendo emagrecer, já deve ter se perguntado: quantas calorias eu preciso queimar para emagrecer 1 kg? A resposta é em torno de 7,700 calorias, segundo a nutricionista Cristiane Perroni num artigo para o GloboEsporte.

Na teoria, emagrecer é uma equação matemática simples. Você precisa de um balanço energético negativo. Em outras palavras? Ingerir menos calorias do que você gasta no dia-a-dia.

Você vai atingir esse resultado (1) aumentando o gasto energético com atividades físicas e (2) diminuindo a ingestão de calorias ao se alimentar melhor.

Por exemplo, trocando doces por frutas. A recomendação de Cristiane é mirar num emagrecimento de 0,5kg a 1kg por semana, assim você preserva a sua massa magra e escapa do efeito rebote.

Para planejar sua alimentação e rotina de exercícios, é recomendado calcular a taxa de metabolismo basal, que explicamos com mais detalhe aqui. Trata-se basicamente da quantidade de energia que seu corpo gasta para manter as funções vitais funcionando.



O QUANTO DE ÁGUA VOCÊ DEVE BEBER

DO EL HOMBRE

Qual é a quantidade de água que você deveria tomar diariamente?

Essa é uma questão muito importante para a nossa saúde. Afinal, mais de 60% do corpo humano é composto por água. Então você pode imaginar os malefícios de ficar desidratado.

O Portal Drauzio Varella escreveu um artigo para esclarecer essa dúvida e a resposta depende de diferentes fatores.

- Peso: quanto maior o seu peso, maior a necessidade de água.
- Clima: moradores de cidades mais quentes precisam beber mais água.
- Atividade física: quanto mais exercício você fizer, mais água deve beber.
- Estação: no inverno e na primavera, devemos aumentar nosso consumo.
- Metabolismo: quanto mais acelerado, maior deve ser a ingestão de água.
- Dieta: se você ingerir muito sal, precisará beber mais água.

Além disso, quando você bebe álcool, o ideal é alternar um copo de bebida e um copo de água; e algumas doenças (caso você esteja com uma) podem demandar uma ingestão especial de líquido, variando a cada caso.

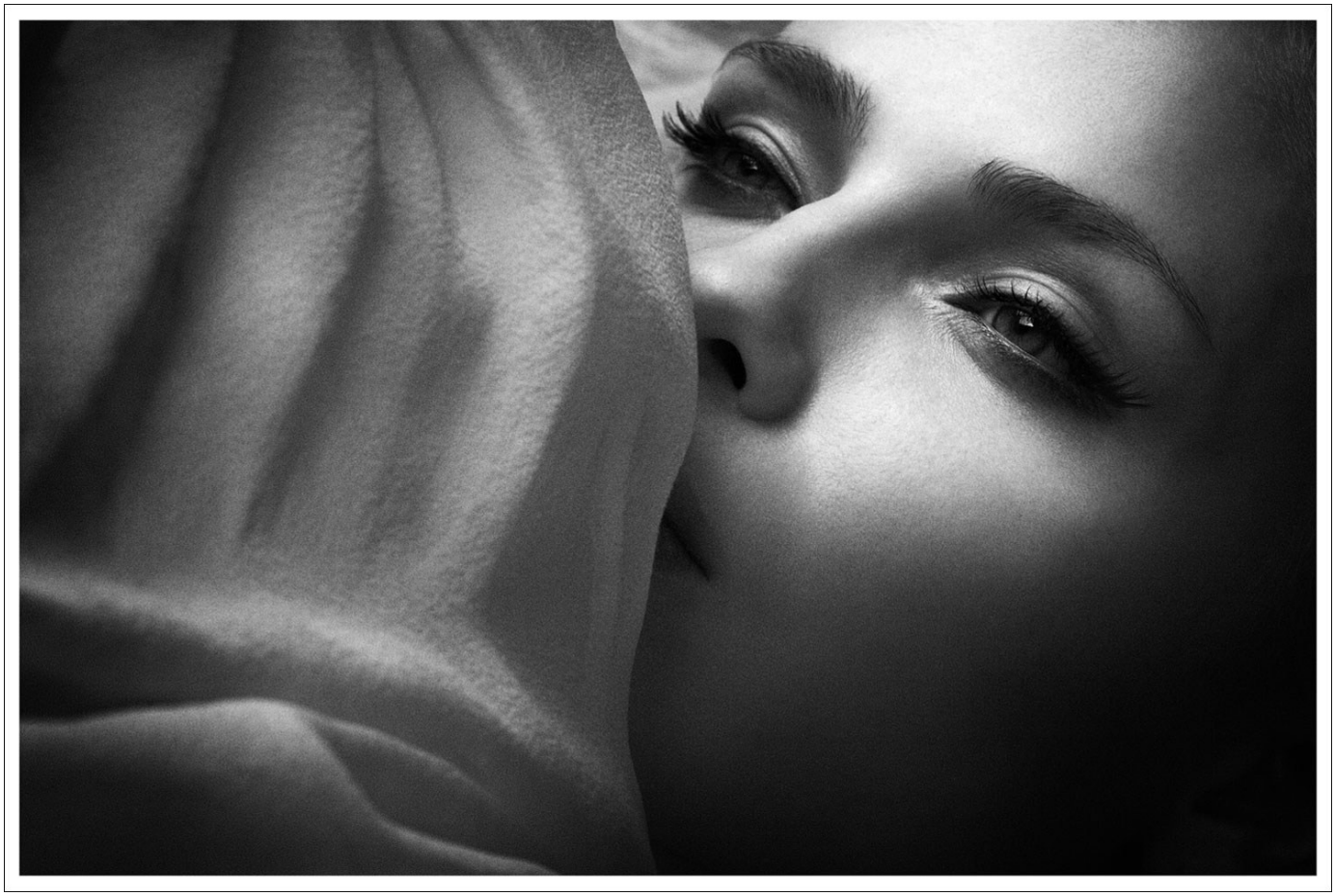
A recomendação básica do artigo é se guiar pela cor da urina. Se ela estiver amarelo-claro, excelente. Se estiver amarelo-escuro e com odor forte, é sinal de que você anda bebendo pouca água. A sugestão é ir agora mesmo tomar dois copos para se hidratar.

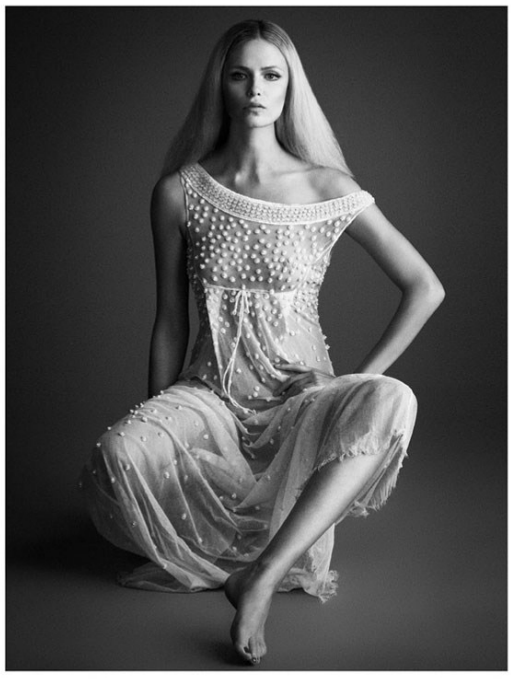
Agora, se você for muito ao banheiro e a urina estiver transparente, isso também não é aconselhável. Quer dizer que você está tomando demais, o que pode causar problemas à saúde. O equilíbrio é sempre a melhor opção.

Se você quer um número para se guiar inicialmente, a recomendação do NHS (o serviço britânico de saúde) é de 6 a 8 copos por dia, o equivalente a 1,2 litro e 1,6 litro. A partir disso, você pode fazer a análise da urina e ir adaptandoerá. lá.

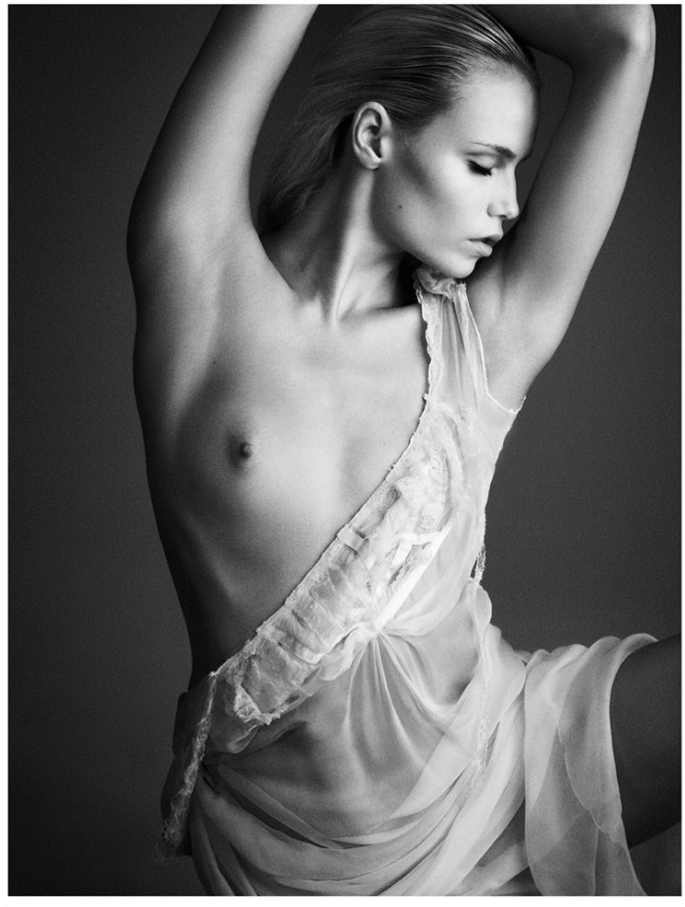
NATASHA POLY

POR LUIGI & IANGO





Dress BLUMARINE, right Dress JEAN PAUL GAULTIER



BBC

NADA ALÉM DA VERDADE

A HISTÓRIA DE COMO A BBC VENCEU A BATALHA DA INFORMAÇÃO CONTRA A MÁQUINA DE PROPAGANDA DE JOSEPH GOEBBELS EM PLENA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

POR JAMIE DOWARD

ATÉ AS DERROTAS TINHAM DE SER RELATADAS COM FIDELIDADE

Quando foi preciso vencer a guerra contra a sofisticada máquina de propaganda de Hitler, a BBC teve uma ideia engenhosa: contar a verdade sem vernizes.

Uma garimpagem acadêmica dos arquivos da emissora pública de rádio e tevê do Reino Unido revelou que, se o nazismo usava apresentadores fantoches como William Joyce – apelidado de Lord Haw-Haw – para propalar a invencibilidade germânica, a BBC preferia transmitir notícias detalhadas sobre os reveses militares do Reino Unido.

A decisão fez parte de uma estratégia deliberada para conquistar a população alemã, diz a doutora Martina Plock, do Departamento de Inglês da Universidade de Exeter, que descobriu memorandos da época durante pesquisas no Centro de Arquivos de Texto da BBC em Caversham Park, na cidade de Reading.

A BBC queria que seu serviço em alemão – montado em 1938 na época da crise em Munique, quando ficou aparente a probabilidade de uma nova guerra mundial – se tornasse uma fonte de notícias confiável, o que significava que até as derrotas tinham de ser relatadas com fidelidade.

Exemplos notáveis incluem o relato de 27 de novembro de 1942 do bombardeio alemão a Toulon e a fuga da frota francesa para evitar sua captura e a reportagem de 6 de abril de 1940 – dias antes da invasão da Noruega – sobre o afundamento de 52 navios noruegueses pela Marinha alemã, resultando na morte de 392 pessoas.

Essa política parece ter pago dividendos. Apesar de tentativas de interferir na transmissão dos programas e de processar ouvintes na Alemanha por sintonizarem rádios inimigas, a BBC logo se tornou uma das principais fontes de informação para quem vivia sob o regime nazista.

O número de programas transmitidos para a Alemanha cresceu drasticamente durante a Guerra, incluindo matérias especiais, sátira política, canções e música. Um programa punha Hitler contra Hitler, tocando gravações de seus discursos para salientar como ele se contradizia.

Em outro, uma dona de casa de Berlim com forte sotaque da classe baixa contava aos ouvintes verdades banais sobre a vida cotidiana na Alemanha. Os produtores da BBC acreditavam que a personagem os ajudaria sutilmente a criticar os líderes nazistas de uma maneira relevante para as famílias comuns na Alemanha.

Notícias precisas foram a isca mais usada para atrair os ouvintes alemães. Um memorando confidencial da BBC, de 23 de março de 1942, dizia: "Houve aproximadamente 80 transmissões nesta semana em alemão, 75 das quais por anglófonos". As emissões foram organizadas em base cíclica, para o público alemão ter certeza de escutar a Grã-Bretanha de hora em hora.

"O noticiário atraía a audiência, e palestras se seguiam às notícias, na crença de que o público atraído pelas notícias continuaria a ouvir uma mensagem que de outro modo poderia não sintonizar. O objetivo era ser o primeiro a dar a notícia, fosse boa ou má, e na prática as más notícias geralmente eram dadas primeiro. Dessa maneira, cada boletim terminava com notícias melhores. Era o tom dos últimos itens que deixava um 'gosto na boca'. A transmissão de más notícias ajudava na reputação de veracidade que era a base de nosso serviço."

Apesar de a BBC ter usado vários intelectuais alemães exilados no Reino Unido como escritores e tradutores, os locutores eram quase sempre britânicos. Plock, cuja pesquisa foi financiada pela Fundação Leverhulme, disse que o apresentador temia que sua objetividade e neutralidade ficassem comprometidas se conhecidos dissidentes dos nazistas ou refugiados políticos falassem diretamente aos ouvintes na Alemanha.

"É fascinante ver como a BBC forneceu ao público alemão informação precisa durante a Guerra, e assim começou a reeducar indivíduos que viveram, por vontade própria ou não, 12 anos de propaganda nazista", disse ela.

"Para ser eficaz ao expor a propaganda nazista como mentiras e ensinar os ouvintes alemães a se tornarem cidadãos responsáveis de uma Europa pacífica e unificada, o serviço em alemão da BBC precisava primeiro ganhar sua confiança. Oferecer notícias imparciais

era, por isso, muito importante, mesmo que significasse transmitir informação sobre os fracassos militares britânicos. Os ouvintes desses boletins ficavam inclinados a acreditar na força militar superior do Reino Unido. Se os aliados admitiam abertamente suas derrotas, deviam estar extremamente confiantes em sua futura vitória."

Do mesmo modo, reportagens sobre como os britânicos contribuíam para o esforço de guerra eram usadas para enfatizar a crença do país na vitória. Um relatório interno da BBC sobre boletins e programas transmitidos na Alemanha entre 5 e 10 de maio de 1941 observou: "Nossa certeza da vitória se baseia em considerações morais e materiais.

Nossa convicção de lutar por uma causa justa talvez possa ser enfatizada com mais frequência, não apenas em termos de reformas sociais e econômicas, mas também de um ponto de vista puramente moral. A convicção baseada no poder industrial superior talvez não convença neste momento o ouvinte alemão, mas relatos sobre o trabalho nas fábricas e na agricultura informam os alemães sobre nossa crescente produção. Muito pouco se fala sobre a atitude britânica em relação aos bombardeios: como temos certeza da vitória, podemos suportar muito".

A BBC também monitorou reportagens em rádios e jornais alemães em resposta a seus boletins de notícias. Um memorando registra: "Exagero, exaltação, ameaças e extravagâncias sob todas as formas eram evitados.

Era uma armadilha em que os russos tendiam a cair. Havia evidências de que os alemães escutavam em grande número os noticiários britânicos, mas não os russos. Vários processos tinham ocorrido em um dia no mesmo lugar da Alemanha recentemente, e dois dos condenados estavam escutando em público a BBC".

O serviço da BBC em alemão foi um modelo para operações semelhantes em outros países – em 1943, a corporação transmitia programas em 54 línguas. Interrompido somente em 1999, ele foi considerado importante para moldar o setor de rádio e tevê públicos da Alemanha no pós-Guerra. ●

SUBSCR
SUBSC
SU

O SUCESSO E UM INCÔMODO

O SUCESSO DO MODELO DE ASSINATURAS ADOTADO POR CADA VEZ MAIS VEÍCULOS JORNALÍSTICOS NA INTERNET É INEGÁVEL, MAS É PRECISO SABER ATÉ QUE PONTO O JORNALISMO PODE DEPENDER DELE

POR LÍVIA DE SOUZA VIEIRA

AS FAKE NEWS SÃO DE GRAÇA E SE ESPALHAM MUITO RAPIDAMENTE

Mundo afora e também aqui no Brasil, organizações jornalísticas estão encontrando no modelo de assinaturas uma forma segura e profícua de sustentabilidade financeira. Muitos inclusive têm dado o nome de membership à estratégia que inclui não somente as assinaturas, mas também participação em eventos e em etapas da produção jornalística, newsletters exclusivas, produtos impressos, etc.

O pioneiro The New York Times já contabiliza 4 milhões de assinantes (mais de 3 milhões só no digital). Já Katharine Viner, editora-chefe do The Guardian, comemorou recentemente o alcance da marca de 1 milhão de assinantes. Trata-se de um feito memorável, já que o jornal não tem paywall. Ou seja, os leitores contribuem porque confiam e apoiam o jornalismo que o The Guardian faz. Dirigindo-se aos leitores e relembrando a trajetória desde 2015, quando assumiu o cargo, Viner conta que

"Sabíamos que queríamos que todo o nosso jornalismo permanecesse global, livre e acessível aos nossos leitores – e que não o restringíssemos a apenas aqueles que pudessem pagar por isso. Queríamos dar às pessoas a oportunidade de contribuir financeiramente, de formas que funcionassem para elas, o que significava que poderíamos fornecer aos nossos leitores – independentemente de onde morassem, quanto ganhassem ou como gostassem de receber suas notícias – uma maneira de nos apoiar que também se ligou profundamente ao ethos liberal e progressista em que o The Guardian foi fundado. Quando pedimos seu apoio, não sabíamos se funcionaria. Tanto amigos quanto concorrentes ficaram profundamente céticos por muito tempo, mas vocês, nossos leitores, ouviram e responderam. Foi inspirador como muitos de vocês de mais de 180 países quiseram desempenhar um papel no apoio financeiro ao The Guardian".

- Amanda Michel, diretora de contribuições globais do Guardian, compartilha cinco lições da estratégia de membership do jornal:
- Comece pedindo às pessoas que apoiem o seu propósito;
- Acerte seu pitch (o discurso de convencimento, que deve ser direto e assertivo);
- Encontre o lugar certo para seu apelo (no Guardian fica ao fim de cada matéria, e não como um banner mais invasivo);
- Facilite (torne o processo de contribuição o mais intuitivo possível);
- Reúna as habilidades necessárias em uma equipe (o time deles inclui profissionais de marketing, UX e engenharia).

O site jornalístico holandês De Correspondent se destaca no modelo de membership porque além de não ter paywall também não possui anunciantes. O jornalista Ken Doctor escreveu sobre a campanha de financiamento do veículo, cujo objetivo é arrecadar U$ 2,5 milhões para o lançamento do site, em 2019. "Unbreaking news" é o slogan, que pretende representar a forma de trabalhar do De Correspondent (nos EUA será The Correspondent). Para Doctor, significa "jornalismo de soluções. Jornalismo explicativo. Jornalismo construtivo. Jornalismo que acredita que comunidades e indivíduos podem ser mais inteligentes em suas opiniões e tomadas de decisão". O editor Rob Wijnberg destaca que

"Não somos 'breaking news' (notícias de última hora) e não queremos ser breaking news, porque isso significa nos tornarmos cínicos, divididos e menos informados sobre o mundo. Vamos tentar algo diferente".

Também lançado recentemente, o novo pacote de membership do Quartz inclui um novo app e um paywall parcial e dá aos leitores a chance de participar de teleconferências semanais com repórteres e editores. "Os assinantes também receberão uma série de notícias diárias detalhadas sobre uma indústria, empresa ou fenômeno que está 'alterando o estado dos negócios', bem como entrevistas com líderes empresariais", diz o texto que convida as pessoas a se tornarem membros.

Aqui no Brasil, a Folha de S. Paulo, primeiro veículo brasileiro a adotar o paywall, já tem mais assinantes digitais do que do jornal impresso (no total, algo em torno de 300.000). Os números não foram divulgados, mas no fim de outubro houve uma campanha virtual defendendo a assinatura do jornal após os

Your subscription helps support independent investigative journalism

ataques de Bolsonaro à Folha. Outros veículos brasileiros que se destacam no quesito assinaturas são o JOTA e o Nexo.

Para Paula Montañà Tor, do European Journalism Centre, antes de lançar um modelo de membership é preciso responder a seis questões:

- Quem são as suas comunidades e quão bem você as conhece?
- Que valor único você está oferecendo aos seus membros?
- O que você precisa de seus membros?
- Como você se sente ao ser transparente e vulnerável?
- Seus fluxos de trabalho e colegas estão prontos para a mudança?
- Quais outras fontes de receita você tem?

Diante de tudo isso, parece claro que a indústria jornalística está mesmo apostando no apoio dos leitores. Mas para quantos veículos eles são capazes de contribuir financeiramente? Um tudo bem, mas dois, três? A pergunta incômoda foi feita por Joshua Benton, em artigo para o Nieman Lab.

Citando o Reuters Institute Digital News Report 2018, Benton lembra que 16% dos americanos dizem que estão dispostos a pagar por qualquer notícia online. Ou seja: há um segmento da população que pode ser convencida a pagar por um site de notícias, mas essa segunda ou terceira assinatura requer um nível de devoção que pode ser difícil de sustentar em um ambiente digital, no qual as informações surgem de muitos outros lugares. Um trecho:

"É uma questão justa imaginar até que ponto a Solução Paywall pode influenciar o ecossistema editorial. Jornais locais já encontraram esse obstáculo: enquanto o Times, o Post e o WSJ têm milhões de assinantes, a maioria dos jornais diários tem se esforçado para chegar aos cinco dígitos. Apenas dois jornais não nacionais – o Los Angeles Times e o Boston Globe – têm mais de 100.000 assinantes digitais. A teoria da agregação sustenta que, em um mercado sem atrito, a Internet tende a agregar poder nas mãos de poucos e grandes participantes. Isso beneficiou o Google e o Facebook – e, em outra escala, o Times e o Post. E quanto a todos os outros?"

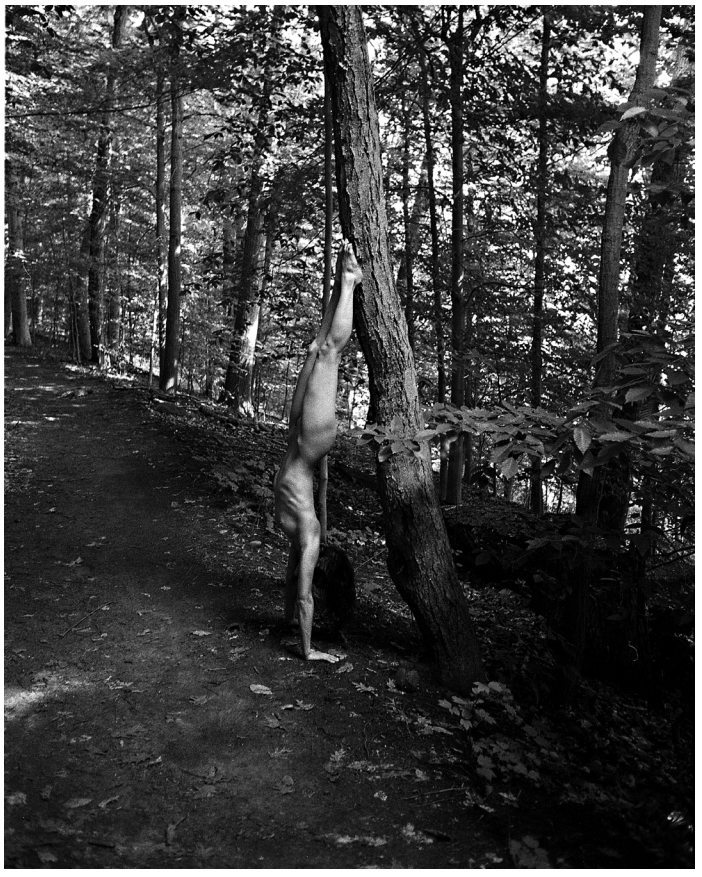
"E quanto a todos os outros?" me parece uma questão bastante pertinente, que envolve não somente o pagamento por notícias, mas também o acesso ao que, em tese, é um serviço público e uma responsabilidade ética das organizações jornalísticas.

E acrescento: o quanto a impossibilidade de assinar dois ou três jornais/revistas interfere em nossa dieta informativa e na necessária pluralidade? No passado, era comum assinarmos um jornal impresso e pronto. Mas aí veio a internet e abriu oportunidades de acesso a notícias do mundo todo. Mas aí vieram os paywalls. E também as fake news, que são de graça e se espalham muito rapidamente.

Se os leitores parecem dispostos a pagar por informação de qualidade e a se engajar com veículos em que confiam, é necessário que o jornalismo profissional reflita sobre seu papel para além de uma empresa. Como fazer com que notícias confiáveis cheguem a um número cada vez maior de pessoas? Ou então continuaremos falando para um público elitizado, economicamente selecionado, e negligenciaremos aspectos éticos e sociais que são basilares para o serviço que prestamos aos cidadãos. ●

KATE HARISSON

POR BRYAN LISTON



O SEGREDO É RIR JUNTOS

DO EL HOMBRE

Qual é o grande segredo para ter um relacionamento feliz? Essa é uma pergunta que, com certeza, todo mundo já se perguntou. E a ciência tem uma resposta.

A revista Inc. publicou uma entrevista com um acadêmico chamado Dacher Keltner, do departamento de psicologia da universidade de Berkeley, especialista em felicidade e relacionamentos.

Ele constatou, em seus estudo, que o maior sinal de que um casal vai terminar em breve é quando eles param de rir juntos. Pois é. A falta de risadas é um fator mais determinante para o fim do relacionamento do que falta de sexo ou brigas por causa de dinheiro.

Keltner explicou que rir junto ajuda o casal a se conectar, desestressar, suavizar conflitos — e lembrar por que se gostam. Como diz aquele ditado, a risada realmente é o melhor remédio.

FADIGA DECISÓRIA

POR CAMILA NOGUEIRA

Por que fazemos, às vezes, escolhas tão ruins? Como faltar na academia? Ou entrar em discussões inúteis? Ou ficar nas redes sociais em vez de estudar? Em geral, esse tipo de má decisão é tomada quando nos sentimos cansados — e você, provavelmente, já deve ter percebido isso.

Muitos estudos indicam que a força de vontade não é algo estático que, simplesmente, possuímos ou deixamos de possuir. Ela é dinâmica. Pode aumentar ou diminuir, dependendo do nosso momento.

E quando falamos de cansaço, não é apenas do físico; o mental é ainda mais importante. Quanto mais decisões você tomar em sequência, maior é a chance das últimas serem ruins, mesmo que as primeiras tenham sido ótimas.

FADIGA DECISÓRIA

Esse cansaço mental obtido depois de tomarmos muitas decisões é chamado de fadiga decisória e, nesse processo, a nossa ausência de foco e de energia tende a levar-nos a tomar más decisões.

Por mais racionais e sensatos que sejamos, é impossível continuarmos a tomar decisão após decisão sem que paguemos um preço mental. E não se trata somente de escolhas importantes e definitivas, mas das simples também: as palavras que você utilizará durante uma conversa, os sapatos com os quais irá para o trabalho, etc.

E como podemos evitar isso? É possível fazer algumas alterações em nossa rotina, a fim acertar na maior parte de nossas decisões — e de progredirmos nas que são mais importantes.

SIMPLIFIQUE AS DECISÕES PEQUENAS

Uma das maneiras mais úteis de lidar com a fadiga decisória é simplificando ao máximo as decisões pequenas que você puder.

O ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, alegava que usava somente ternos azuis ou cinzas porque, se não criasse uma espécie de padrão, seria inevitável que consumisse a sua energia com coisas pouco relevantes: "Não quero decidir sobre comida ou roupa, porque tenho tantas outras decisões a tomar".

Steve Jobs também era adepto dessa filosofia, com seu look calça jeans, New Balance e camiseta preta. Ao simplificar as decisões que tomamos durante o dia, economizamos o nosso foco para para aquelas que de fato importam, desempenhando nossas tarefas e obrigações do melhor modo possível.

Automatizar pequenas decisões como escolher sua roupa, criar um padrão de resposta de e-mails e decidir o que comerá poderão fazer uma grande diferença na sua vida.

FOCO NAS PRIORIDADES

Como em tudo na vida, o segredo para tomar boas decisões é dar sempre preferência às coisas mais importantes para você. Nunca deixe de priorizar o que realmente interessa.

Qual é a coisa mais te preocupa neste momento? Entrar em forma? Construir o seu negócio? Meditar? O que quer que seja, coloque a sua energia nisso. Mesmo se tiver que acordar mais cedo para tanto, comece o seu dia com o que elegeu como sua prioridade.

Por fim, sugerimos fazer uma lista de tarefas. Isso o levará a agir segundo as suas prioridades, exercitando a sua capacidade de concentração e sem permitir que uma série de questões de menor importância o distraiam.

DAY AFTER

POR MENALTON BRAFF

Agora começa tudo de novo. Aquelas minúsculas lâmpadas começam a aparecer nas árvores e nas fachadas, vaga-lumes amarelos a piscar, piscar, piscar. Às vezes a gente entra em uma praça, à noite, com a sensação de que se está chegando ao firmamento.

Depois vêm os enfeites. Guirlandas e fitas coloridas, reproduções de todos os tipos e tamanhos do velhinho vermelho de barba branca. Os enfeites. Vitrinas e postes, portas domiciliares, tudo o que for visível precisa ficar mais bonito. E os cartões.

Infinidade de tipos de cartões, com imagens as mais variadas e nas mais variadas línguas. Está certo que ninguém sabe o que está escrito, como também ninguém conhece neve, pelo menos assim, ao vivo. Mas quem somos nós para duvidar de que foram os europeus que inventaram tudo isso?

Então, quando se vai aproximando o dia, os pacotes. Caixas que às vezes valem mais que seus conteúdos, belíssimas, com fitilhos brilhantes e topes soberbos. Parentes, amigos, vizinhos, todos merecem presentes. Amigo secreto, oculto ou invisível, não importa, o espírito é o de festa, de confraternização.
E a preparação da ceia entra no rol das preocupações das donas de casa, já com tantas e complicadas razões para preocupar-se.
Ceia sem peru? Deus que me livre e guarde!
O que não vão dizer os amigos e vizinhos?
Que estamos decadentes! No mínimo que estamos passando sérias dificuldades. Portanto, compre-se o peru. Não que sua carne seja mais saborosa ou nutritiva ou mais qualquer outra coisa do que outras carnes mais em conta no mercado.

Acontece é que o peru é extremamente popular lá na Europa, continente que no-lo mandou, com muitos cumprimentos e duplicatas.

Mas é claro que nem só dessas exterioridades se faz o espírito natalino. Claro que não. Sobretudo na véspera. A fisionomia das pessoas muda. Se se observam as pessoas que passam, pode-se ver claramente, pelo ar compungido com que andam, que a bondade e o espírito cristão da fraternidade passaram a habitar seus corações.

Cumprimentos efusivos, desejos de felicidades, pedidos de perdão e respectivos perdões, mil declarações das mais sinceras boas intenções (releve-se a rima, apesar de voluntária). Ah, e a alegria. Só um imbecil não se alegra com a descoberta repentina de que o mundo melhorou, as pessoas melhoraram, a maldade é pura maldade da imaginação de pessoas maldosas. E assim por diante.

Depois vem a noite N, a noite mais esperada do ano. O mundo, por uns instantes, tenta imitar o paraíso, em que leões compartilham seu espaço com cordeiros e homens (seres notoriamente desprotegidos). Tudo é paz, tudo é amor.

Infelizmente depois de um dia vem outro dia. O day after. E no outro dia, o dia vinte e seis de dezembro, todos armam-se novamente, agridem-se novamente, corrompem-se novamente, novamente cometem sem remorso as maiores monstruosidades. Será que algum dia o natal vai servir para algo mais do que o aumento dos negócios do comércio?

O TUCANO

POR ALBERTO VILLAS

Quando eu era criança, o nosso vizinho do lado tinha um tucano de verdade. Ele vivia solto no quintal, pulando de galho em galho das árvores frutíferas. A laranjeira, a mangueira, a goiabeira e uma ameixeira. De vez em quando, ele ia pro telhado e ficava espiando, do nosso lado, as galinhas procurando minhocas, os pombos catando palha pra fazer seus ninhos, os coelhos fazendo buracos na terra vermelha.

Toda ave tem um nome de família complicado, difícil de falar. A família do tucano á a Ramphastidae, mas poucas pessoas sabem, só mesmo os biólogos mais estudiosos. O que todo mundo sabe é que o tucano é bem brasileiro, tem um bico enorme que parece forte, mas é frágil, e muitas vezes caem em contradição.

Os tucanos vivem nas florestas da América Central, mas, principalmente nas florestas da América do Sul. São vistos também em Brasília, duas ou três vezes por semana, aqueles com uma plumagem cinza ou preta. No Brasil, existem em maior quantidade no Estado de São Paulo, desde que ocuparam o território, no dia primeiro de janeiro de 1995.

Eles se alimentam de frutas, são chegados nas menores, tipo pitanga, jabuticaba, seriguela, essas frutinhas. São conhecidos também por roubar ovos nos ninhos de outras aves, mas nunca são punidos por isso.

Os tucanos não são machistas, ajudam a fêmea a construir seus ninhos, a chocar os ovos e ajudam também a mamãe tucana a alimentar os filhotes. Voam meio desconjuntados e só alcançam voo pleno quando estão em helicópteros nos céus de Minas Gerais.

Tucanos adoram uma árvore grande e frondosa, passam o dia por lá, mas gostam também de um muro, principalmente no planalto central do país, onde, no cerrado, as árvores não são tão frondosas assim.

Em mil novecentos e sessenta e pouco, o tucano virou pop star na televisão brasileira, ao topar ser garoto propaganda da Varig, a maior companhia aérea nacional na época. A cada anúncio novo que aparecia na telinha, minha mãe me chamava: "Corre, vem ver o tucano da Varig!"

Eu corria pra frente da televisão e me lembro bem do tucano carioca passeando pelas praias de Copacabana, o tucano mineiro sobrevoando o Mineirão, o tucano cearense navegando numa jangada e o tucano gaúcho tomando chimarrão.

O meu pai, toda vez que via o tucano do nosso vizinho do lado, em cima do muro, ele dizia que tucano é bom de bico. Ele tinha razão. Nunca aquele tucano foi preso por roubar as ameixas e as goiabas no nosso quintal. Sempre viveu leve e solto.

Os tucanos medem aproximadamente 60 centímetros e pesam por volta de 620 gramas. Claro que tem algumas espécies que são maiores, chegam a 1 metro e 90 e pesam, às vezes, mais de 90 quilos.

Existem várias espécies de tucanos. O tucanuçu, o tucano-grande-de-papo-branco, o tucano-de-bico preto, o tucano-de-bico-verde, entre outros.

Recentemente descobriram três novas espécies: O tucano-da-mala, tucano-cocae e o tucano-propinae. Esses são os mais espertos da espécie e dificilmente são pegos, dificilmente irão um dia pro cativeiro.

Não é comum ver tucanos voando nas metrópoles. Nas grandes cidades, costumam passar dias e dias em cima do muro. Essa espécie urbana é o tucano-amarelo-e-azul. Em São Paulo, costumam ser vistos no Parque Buenos Aires, no bairro de Higienópolis. Costumam sair de lá apenas em dias de eleição.

São tucanos que geralmente vivem numa boa, passeando por aqui na sua garoa. Mas desde o dia 28 de outubro, eles desapareceram da mídia, quase do mapa. Pelo que estou percebendo, estão correndo sério risco de extinção. Quem viver verá.

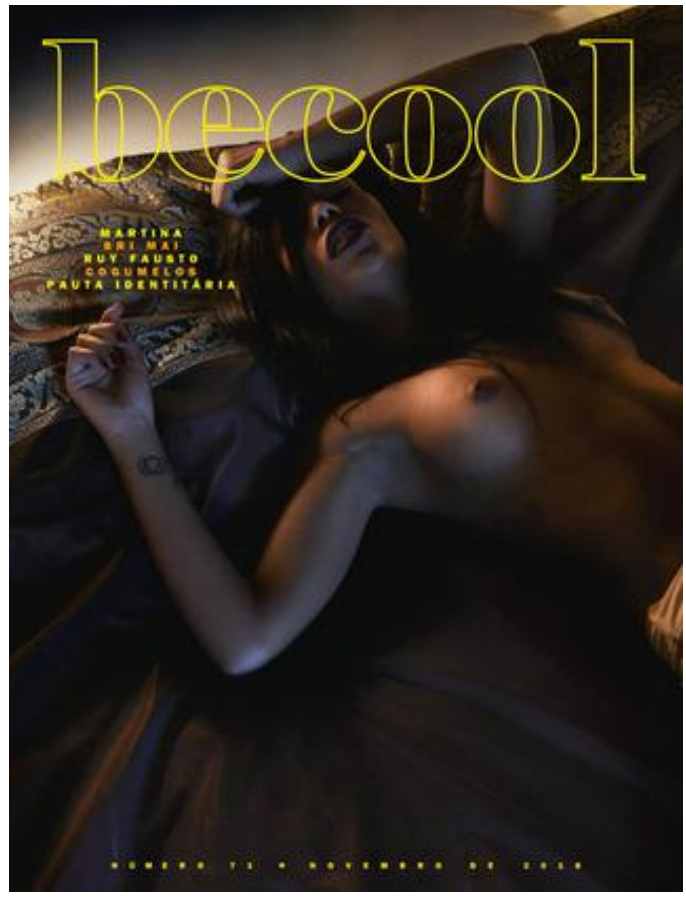
becool

Editor e curador: Gui Adn
Redação: Mônica de Souza
Fontes: El Pais, Exhibition Magazine, P Magazine, The Observer, Farol Jornalismo, El Hombre, iG, CartaCapital, G1, Torcedores.com Opera Mundi, Adorocinema, Saraiva e Guia da Semana.

MAIS REVISTAS

BECOOL é uma publicação da Mais Revistas
Contato apenas por e-mail: adngui@gmail.com

INSCREVA-SE



becool

MAIS
EVISTA

becool

pra quem se veste com inteligência